

DO *JUNKIE* DA “CASTANHA” AO *JUNKIE* “PASTILHADO” – PARA UMA CARACTERIZAÇÃO

MARCOS PAULO RIBEIRO

RESUMO: Todos os estudos epidemiológicos apontam para uma estagnação do consumo de heroína e um aumento de toda uma panóplia de drogas novas – algumas bem antigas. Algo está a mudar, algo mudou. No entanto, andamos todos, nestes últimos anos, muito ocupados com a figura do consumidor de heroína, enveredamos e cumprimos o nosso lugar na disseminação do “Pânico-moral” (Young, 1971 in Machado 2000), na reacção societal enquanto “empresários científicos”, e as “Novas drogas” aqui ao lado. E agora?

Fica aqui um pequeno contributo no sentido de se evitar erros antigos, de evitar-se o “terror interventivo”, pegando nas palavras de Cândido da Agra.

Palavras-chave: Identidade; Estilo de Vida; *Junkie*; Novas drogas; Velhas drogas; “Pânico-moral”; Deslocação dos padrões de consumo.

RÉSUMÉ: Toutes les études épidémiologiques tendent à confirmer une stagnation de la consommation d’héroïne et une augmentation de toute une panoplie des nouvelles drogues – dont quelques-unes sont d’ailleurs passablement anciennes. Quelque chose est en train de changer, quelque chose a déjà changé. Nous continuons, toutefois, à nous centrer essentiellement sur la figure du consommateur d’héroïne, assumant notre rôle d’«entrepreneurs scientifiques» classiques en matière de dissémination de la «panique morale» (Young, 1971 in Machado 2000), en matière de réaction sociétale face à l’héroïne, alors que les «nouvelles drogues» sont ici, toutes proches de nous. Alors, que faire?

Cette petite contribution prétend éviter les vieilles erreurs et notamment la «terreur interventive», pour reprendre les termes de Cândido da Agra.

Mots-clé: Identité; Style de vie; *Junkie*; Nouvelles drogues; Vieilles drogues; “Panique moral”; Tendances de consommation.

ABSTRACT: All epidemiological studies point out to a stagnation of heroin intake and an increase of a diversity of new drugs – some of them, actually, quite ancient.

Something is changing and has changed. And yet, for the last few years we’ve all been very busy with the person of the heroin consumer, we’ve taken the route and did our job in the spreading of the “Moral Panic” (Young, 1971 in Machado, 2000), in a societal reaction as “scientific businessmen”, and the “New Drugs” are right next door. What now?

Here is small contribution for the prevention of old mistakes, of the “interventional terror”, using the words of Cândido Agra.

Key Words: Identity; Life style; *Junkie*; New drugs; Old drugs; “Moral panic”; Patterns of use.

1. INTRODUÇÃO

Como se agrupam as figuras consumidoras de "carreira", de heroína e de "pastilhas"? Que processos, que referências culturais, que representações partilham, que forma têm de estar na vida? Gostos comuns, aspirações partilhadas, que objectivos assumidos? Quem são? Que redes sociais habitam? Como se sentem enquanto grupo? Como vêm essa pertença?

São estas e outras questões que servirão de "filão" ao desenvolvimento deste artigo. Assim, inicia-se com uma breve referência ao que se pretende aludir quando se fala em estilo de vida ou identidades, isto em termos puramente abstractos, para depois descrever-se de que forma estes conceitos absortos, se materializam nas populações analisadas.

2. ESTILO DE VIDA E IDENTIDADE

Obviamente que não é finalidade deste trabalho explorar exaustivamente o conceito de identidade social ou colectiva ou ainda de estilo de vida. No entanto, a necessidade de abordar tais conceitos emerge quase que espontaneamente dos objectivos deste artigo.

Por identidade colectiva ou social entenda-se todo o conjunto de aspectos que são integrados pelo indivíduo, num processo consciente e inconsciente, num diálogo continuo consigo próprio e com os outros, que vai solidificando o seu *self*. Implica coesão interiorizada, que maneja e dita uma acção colectiva. Implica um processo de socialização.

Esta identidade, cria-se por oposição a uma ameaça exterior, visa a diferenciação e augura a "autonomia colectiva". Permite a integração e securiza os membros que a partilham. A construção de uma identidade é o resultado de um contexto circundante, passa por "balizar um território onde possam reconhecer-se" (Fernandes, 1999; pp: 120). Refere-se a todas as interacções aí emergentes, num movimento constante orientado pela identificação e oposição, pressupondo um forte contributo na construção de um *self* (Guiddens, 1994 in Abrantes, 2003)

Neste processo são adoptados toda uma série de quadros referenciais, de modelos, significações e valores

concretizados num todo que orientará a sua acção, a definição do seu *self*. O indivíduo posiciona-se e é posicionado no macrocosmos e no microcosmos - pelo simples transeunte que passa por si como pelo patrão, pela administrativa do centro de saúde, pela escola que o pretende tornar cidadão, pelo poder que o remete para a localização "out" ou para a zona "in" da cidade – são-lhe aplicados classificações, rótulos, mais ou menos valorizados. Uma imagem negativa ou positiva e consequente conduta, resultam em grande medida do feedback positivo ou negativo, da valorização ou desvalorização "enviada" ao sujeito e negociada interiormente. Daqui pode resultar uma situação de inferiorização social – mesmo que sujeita a estratégias de deslocação deste rótulo – ou de valorização social. A identidade é sempre então, um processo negociado (Ramalho e Ribeiro, 2001).

A identidade passa por um sistema de pertença – fonte de segurança – de significado e sentido vivencial, por um conjunto de relações e trocas. Por vivências partilhadas e, sobretudo, quando cada uma destas unidades de análise se representa a si mesma como entidade colectiva, quando existem sentimentos de pertença e comunidades conjuntas de representações, passa por padrões de conduta comuns e sentidos de unificação de um todo partilhado.

Para a construção desta identidade social/colectiva concorrerá então toda uma dimensão endógena, aqui descrita, mas também uma dimensão exógena, que resulta do reflexo externo e de todo um conjunto de representações e atitudes acerca dessa unidade colectiva e que – como nos informa o interaccionismo simbólico – também modela a componente interna (Costa, 1999).

Não se pretende responder aqui à difícil tarefa de afirmar, com toda a segurança, que se está perante um leque claro de atributos identitários, um perfil identitário, que caracteriza estas populações. Tal tarefa obrigaria a uma outra abordagem. Pretende-se, isso sim, com base em vários estudos que vão de uma forma ou outra caracterizando esta população, lançar aqui um "ensaio", para descrever características comuns que parecem fazer parte de uma identidade colectiva.

Quanto ao conceito "estilo de vida", este é aqui abordado numa lógica aproximada do conceito de "modo de vida", só não se suprime aquele em prol deste, porque este último

tradicionalmente é usado numa vertente cujo enfoque é posto nas questões do rendimento, da categoria sócio profissional, quando o que se quer aqui retratar são “formas culturais emergentes e mudanças sociais que lhe estão associadas” (Rodrigues, 1992).

O autor, Costa(1999), assume este “roçar” de fronteiras referindo que *“Pode dizer-se, no entanto, que na utilização do primeiro⁽¹⁾ se dá em geral mais ênfase às dimensões materiais e no segundo às dimensões simbólicas da existência social, que com o primeiro se centra mais atenção nas formas de angariação de recursos e com o segundo nas maneiras de os gastar”* (pp: 403).

Sendo o conceito de “estilo de vida”, ainda tratado na literatura com bastante ambiguidade, pretende-se operacionalizá-lo, dar conta da existência das redes sociais entre membros de agregados, padrões de conduta comuns, formas simbólicas partilhadas, trajectórias de vida semelhantes, projectos pessoais extensíveis ao grupo, espaços divididos e palco de interacções comungadas por grande parte do grupo (*idem*). O mesmo autor, recorrendo a uma diversidade de outros autores, identifica estilos de vida com gostos comuns, preferências, modos de conduta, afinidades, círculos de convívio e padrões de consumo comuns (não exclusivamente de substâncias).

Numa sociedade que despeja diariamente símbolos e imagens, o lugar para o eu diferenciado é dificultado, sendo procurado pelo assumir de um estilo de vida que cumpra tal função, onde mais importante do que a pertença é a referência e a identificação.

Este conceito (estilo de vida) é muitas vezes causa e consequência do anterior (identidade), mas pode também aparecer na sua oposição. Do se identificar ao construir uma identidade partilhada vai uma grande diferença, da opção de um quadro como referência para a pertença a esse quadro, há um interstício significativo.

3. O CONSUMIDOR DE CASTANHA

Porque o objectivo é evitar-se confusões “conceptuais”, a figura do *junkie* é aqui eleita como a “representante oficial” da figura do consumidor de heroína. Figura agregadora em si, de uma identidade e de um estilo de vida. Esta começa a corporizar-se nos anos 70 e é identificada com o

movimento “underground” (Xiberras, 1989).

O consumidor de heroína tradicional, figura que irrompe as cidades e até os meios rurais, antes de tudo o mais, caracteriza-se na sua vertente mais degradada, decadente, “red line” por transportar uma “aureola” visível de desgraça humana. É o sujeito barbudo, “abandalhado”, que não come ou come assiduamente bolos de alto valor calórico, desdentado pelo produto adulterado e por todo um estilo de vida pouco sensível a hábitos de higiene “comuns”. Figura ameaçadora e “bode expiatório” societal. Sem limites, sem controlo, uma verdadeira “vaca de fogo” a soltar “bichas” por toda cidade, vilas e aldeias.

O seu futuro é o já, o agora, e quem manda aqui como no “mundo dos outros”, é o poder económico. Para ele, o poder económico permite-lhe viver, sobreviver, comprar a substância prometida. Para os não consumidores o poder económico é o que os faz viver, sobreviver e serem valorizados.

Cada vez mais é uma figura que vai dos 8 aos 80, com uma tendência *“a alargar-se em dois sentidos: a camadas mais jovens de 10, 11 anos, e a indivíduos acima dos 30 anos.”* (Agra, 1997, pp:143).

Este é um fenómeno profundamente democrático onde o princípio da (des)igualdade de oportunidades perpassa todas as classes e transforma esse comportamento desviante num estilo de vida, numa forma de se estar na vida, muitas das vezes não se conseguindo estar de outra forma. Talvez para além da classificação nosológica de dependência biológica e psicológica, seja de toda a coerência adiantar a classificação de dependência eco-social, enquanto ser coarctado na sua liberdade de estar de outro modo, dependente de um “projecto” de vida que, entre outras dimensões, passa pelo drogar-se e arranjar droga, pelo meio tais tarefas diárias implicam uma vida atarefada, estratégica e activa, freneticamente rotineira.

O *junkie*, o “ressacado”, “o drogado” – muitas outras designações eram possíveis – vive da droga e para a droga, a droga como *“um fim em si e um fim para si próprio”* (Xiberras, 1989. pp: 107). Ela constitui o âmago da sua vida, um casamento até que a morte os separe, onde a traição não tem lugar ou poderá ter ocasionalmente em breves incursões pela cocaína, nada de muito sério. A sua existência é arquitectada em função da substância, *“El estilo de vida que se asocia com este tipo de consumo se centra y rige en la búsqueda y*

abastecimiento de la sustancia para su administración, haciendo que todo su que hacer cotidiano gire en torno a ello, abandonando todo tipo de actividades personales y sociales" (Meneses, 2001 in Meneses e Romo, 2002).

Ele droga-se para viver e vive para se drogar, sujeito e produto fundem-se num só elemento. A droga envolve-o em significações, como que um suicídio adivinhado, deliciosamente agonizante, numa vivência vestida de negro e de drama, que se quer, repudia-se, ama-se, refuta-se, sente-se obrigado a querer.

Esta figura habita o sombrio e o degradante, dá-se na ruína e no decesso, consome nos ninhos da podridão – terrenos baldios recheados de seringas e restos de algodões, pavilhões e casas devolutos, carros abandonados, clínicas⁽²⁾ particulares que mais parecem terem passado por um recente processo de nacionalização, tal é a quantidade e estatuto dos seus usuários.

Figura manipuladora, instrumentalizadora de afectos e sentimentos, quando chega ao já muito augurado estado de destruturação total, já deixou para trás – se é que alguma vez o teve – todo o seu poder simbólico, social, económico, quanto ao cultural de pouco lhe servirá nesta altura.

Esta droga que ele consome – a heroína – alimenta o imaginário da população, amplifica o medo e o sentimento de insegurança, é alvo de dispendiosas políticas de intervenção, tema de debates eleitorais e bandeira de processos eleitorais.

Ninguém o consegue "meter na linha", e se conseguem, esse alguém é a falta de dinheiro para a dose, (des)marcador dos seus limites, (des)entrave natural (Fernandes e Ribeiro, 2002). Tal reveste-se de tão grande ímpeto que até é capaz de transformar todo o ambiente prisional e todos os seus regulamentos. Móbil da passagem da prisão enquanto estrutura "sagrada" estatal para a prisão "instituição privatizada".

As suas relações são instrumentais e instrumentalizadoras, e fragmentariamente insípidas. O *Junkie* está assim, desmembrado em si mesmo, consegue encarnar os piores dos males sociais: a doença transmissível pecaminosa e horrenda, o crime, o prazer sem culpabilidade e o ócio permanente. Bode expiatório societal, agregador em si de toda a expiação de pecados de uma sociedade até então aproximada da perfeição.

Num verdadeiro regime de escravatura da mais bárbara, o *junkie* sujeita-se muitas vezes a ser "batido" pelo *dealer*, ávido do maior lucro possível, no mais curto espaço de tempo. É também figura securizadora e garante de *bom negócio* para o consumidor, este muitas vezes situado a um nível menos gravoso no processo galopante da exclusão social.

Umas vezes só comprador, outras elemento último de toda uma afinada cadeia comercial, outras "enfermeiro"⁽³⁾, outras ainda vendedor de prata e de seringas, não raras vezes um resacado...

Os delitos sucedem-se, o presente é o único período temporal que ele conhece, os valores morais vão-se perdendo na proporção inversa de uma maior tolerância à substância.

Para "se safar" tem que rentabilizar o seu tempo de forma pronta e exímia, têm que dominar os "interstícios temporais" (Fernandes, 1998) sob pena do sofrimento emergir em toda a sua força.

4. O CONSUMIDOR DE PASTILHAS

Depois dos Beatles e dos Doors, depois dos Velvet Underground e de David Bowie deparamo-nos com o DJ Vibe, Dj Jesus Del Campo e outros...

As "novas drogas", que afinal até são "velhas", estavam aí, com um certo atraso em relação a outros países, é verdade, mas estavam aí. Em Portugal, já nos finais dos anos 80 surge a música "acid house", com um estilo muito próprio de dançar. Quanto à substância que acompanhou este estilo musical nos outros países não se deu pela sua presença em Portugal, pelo menos em grande escala. Ainda a heroína haveria de despoletar em todo o seu "esplendor" nos anos 90, quando em outros países atinge o seu auge já nos anos 80. Também as anfetaminas dos anos 50 com as suas "vespas" e o LSD dos anos 60 e 70 nunca chegaram verdadeiramente a expandir-se no nosso país.

O ecstasy é a droga dos finais dos anos 90 em Portugal e a droga que acompanha o virar do século.

Os autores Falcón e Avillés (2002), propõem classificar os consumidores de "novas drogas" em consumidores ocasionais (*usuarios ocasionales*) – aqui situa-se quem consome esporadicamente porque lhe apeteceu naquela festa e ainda quem consome para dar aso à sua curiosidade. Consumidores habituais/assíduos (*usuarios*

habituales), pessoas que consomem estas drogas com alguma periodicidade, ao fim de semana nas festas. Uma espécie de consumidores recreativos, mas pontuais. Por fim, os consumidores compulsivos (*usuarios compulsivos*), este tipo de consumo já arrasta consigo complicações ao nível psicológico e social. Neste artigo, indicam que aqui se situa uma percentagem mínima de consumidores e sustentam tais afirmações num estudo desenvolvido por Gamellha y Roldán datado de 1997 que apontam uma percentagem de 3% de consumidores que se podiam aqui incluir.

Os significados que os consumidores atribuem ao seu consumo são factor de grande determinação para o mesmo, o que se relacionará por certo com a menor capacidade aditiva desta substância, e como tal, outros aspectos contarão bem mais para o continuar dos consumos (Chaves, 1998). Também, aqui, se poderão estabelecer bastantes analogias com o consumo de cannabis, onde se pode encontrar representações colectivas, crenças mútuas, valores, gostos, tecnologia dos consumos partilhadas, acentuados desejos e necessidades de pertença grupais, etc...

Para Susana Henriques (2002), as práticas continuadas e envolvidas nestes consumos caracterizam-se por um estilo de vida percorrido por um manancial de práticas rotinizadas e opções de vivência. A autora (*idem*) adianta ainda a noção de "sectores de estilo de vida", que vai buscar a Anthony Guiddens, e que pensando-se naquilo que são as práticas dos consumidores das novas drogas, e nos vários estudos e artigos aqui esplanados, parece fazer todo o sentido. Muitos indivíduos acabam como por ter uma espécie de vida dupla, em que se assume como "um" em determinados contextos recreativos e espaços temporais, e nos seus interstícios metamorfoseia-se num "eu" individual e social comum e conformista.⁽⁴⁾

Perante consumos específicos, enfeites no corpo e na indumentária, perante valores e ideias que transmitem não se pode deixar de sentir um certo gosto, um certo revanchismo, que nos transporta para os anos 60 e 70 e para todo o movimento psicadélico. Como nos refere Rodrigues (1992), os novos estilos de vida reabilitam o antigo e reinventam o património numa procura nostálgica de um tempo passado e numa legitimação dos novos estilos de vida.

Os consumos são quase sempre efectuados em contexto grupal/colectivo muitas das vezes "circunscritos" num espaço e num tempo. Muitas outras vezes há lugar para um contínuo temporal de consumos, que acompanha os indivíduos até muito tarde, participando estes em todo um estilo de vida que iniciaram aos catorze, quinze anos e prolongam até aos vinte e muitos. Chega mesmo a substituir o haxixe como droga de iniciação, ocupando um lugar central em muitas das vidas destes jovens. (Meneses e Romo, 2002).

O consumo de ecstasy acompanha a deslocação e prolongamento do período de desenvolvimento da adolescência, que se revela não pelo simples acto de continuar a consumir, mas por todo um modo de vida que se mantêm inalterável ao longo de muitos anos, como refere Chaves (1998). A indumentária, os locais de diversão, o grupo de amigos como principal e exclusivo elemento de referência da sua vida, os gostos, etc...

O autor (Chaves, 1998) acentua a ideia de que os consumos colectivos, são por excelência praticados nas famigeradas "rave partys", e é a partir dos objectivos que se pretende retirar destas que o consumo de ecstasy emerge. No entanto, também é o ecstasy que permite a existência das "rave partys". O ecstasy é assim causa e consequência, motivo e motivador.

Estes movimentos são percorridos por todo um conjunto de símbolos como o cogumelo verde ou laranja fluorescente, numa alusão clara aos cogumelos alucinógenos, e por uma série de produtos que para além da vestimenta, é obrigatório adquirir para se poder aceder ao estatuto de "membro honorário" da tribo, como é o caso do telemóvel de determinada marca e modelo, cintos, pulseiras, brincos e todo um conjunto de adornos em cores fluorescentes. Fenómeno tipicamente urbano ou de contornos urbanos, ocorre em grandes espaços recreativos: discotecas, tendas, castelos, pavilhões industriais, bosques, etc... (Susana Henriques, 2002; Meneses e Romo, 2002). A sensualidade, o erotismo, estão aqui presentes.

Este artigo de Chaves (1988), de singular importância no desfazer de dúvidas e catalogar rituais e estilos de vida, faz-nos perceber que há uma grande tendência para senso comum e conhecimento científico assumirem consumo e consumidores de novas drogas como um único e absoluto

corpo, que partilha as mesmas drogas, tipos de música, habita os mesmos espaços recreativos, partilhando a mesma indumentária, comunga os mesmos valores e gostos, partilha o mesmo universo simbólico. Pelo contrário, Chaves (*idem*) identifica objectivos diversos e distintos no consumo de novas drogas, igualmente distintos rituais onde o tipo de música cultivada diverge e assume diferentes padrões de consumo. Um é o universo simbólico centrado na *experiência alucinatória*, cujo objectivo é a obtenção de um estado desse tipo, ou de transe. Aqui as drogas de eleição são os alucinógenos como o MDMA e estimulantes como as anfetaminas ou ainda a cannabis e com uma forte associação ao Hinduísmo. Outro é o universo simbólico centrado no *hedonismo* ou nas ideias de harmonia e redução da ansiedade, comportando dois claros e distintos modelos e movimentos de festas com tudo o que isso implica. O "underground" e o "vie en rose". O primeiro habita locais de diversão completamente distintos do segundo, é composto por elementos com um estilo de vida urbano, integrado, estudantes no ensino superior ou até técnicos superiores no início da sua vida activa, onde o estético o artístico se procura como valor condutor das suas vidas. Os espaços de divertimento são pequenos e bem mais intimistas, logo propícios a maiores contactos físicos e interações verbais, e muitas das vezes situados na cidade "in". Na cidade do Porto podemos encontrar alguns, poucos, exemplos destes espaços na marginal da Foz e no centro da cidade. O segundo, e outra das grandes diferenças para o movimento "vie en rose", centra-se no tipo de música cultivada, pois é musica tecno dançável e bem mais melódica que naquele universo, onde o *Drum'n Bass* ocupa um espaço cada vez mais importante. As drogas consumidas, são preferencialmente os estimulantes (anfetaminas, cocaína) os alucinógenos (MDMA) e o haxixe. O álcool pouco frequentemente faz parte deste universo.

Uma outra versão, é cunhada por Chaves (*ibidem*) de "vie en rose". Aqui o MDMA reina em toda a linha, são os universos simbólicos centrados no hedonismo ou nas ideias de harmonia e redução de ansiedade. Povoado na sua grande maioria por adolescentes, grande parte oriunda da cidade "out" sem um objectivo elaborado, onde tudo é acelerado: música *tecno*, dança, drogas estimulantes e

haxixe rejeitando-se simultaneamente as depressoras, bebidas energéticas, pouca comunicação.

A droga, o ecstasy, não é visto como uma dependência mas um "adorno" entre outros, uma forma de se aguentar um grande número de horas a dançar, de se estar a aumentar o bem-estar e apurar os sentidos (Pais, 1999).

Remetendo para a realidade nortenha, podemos encontrar estes espaços fora da cidade do Porto junto a zonas de Praias e um pouco por toda a região do Minho.

Há aqui uma forte convicção de que o imaginário da população actualmente se focaliza, ou começa a centrar nesta figura. A figura do pastilhado, ocioso, capaz de lançar a desordem e o pânico, *outsider* sem marcas que o permitam identificar a olho nu e por isso ainda mais ameaçador e dúbio. Estamos na presença de uma nova figura que se pode apelidar de "*junkie* das drogas de desenho".⁽⁵⁾ O processo de etiquetagem obedece à mesma lógica do consumidor de heroína no passado. A "reação societal" e na opinião de Falcón e Avillés (2002), a "reação dos técnicos" e de todo um exército de meios que haviam sido direccionados para os consumidores de heroína e que agora, com a diminuição do consumo desta e o vazio que se começa a criar, ficam numa situação difícil, conduzindo à necessidade de se criar uma nova figura: *O junkie das novas drogas*.

Dentro desta categoria Rebelo e Lopes (*in* Pais, 1999), encontram distintos tipos de *ravers*. Os *adeptos da house music* – musica mais "soft" – e os *adeptos do techno* – musica bem mais "agressiva". Ao encontro destas conclusões vai também o estudo de Falcón e Avillés (2002, pp: 191), "*Lo que hoy ya se conoce como popularmente música de baile no es sino una amalgama de estilos que pueden ir desde el tecno más duro al dub*".

As *raves* podem-se caracterizar como um ritual de "comunhão", ao ritmo de fortes e intensas vibrações musicais acompanhadas de não menos intensos movimentos corporais. Mais não seria preciso do que a própria música para se alcançar um estado alterado da consciência. Estas festas tanto podem acontecer em discotecas já muito conhecidas pela sua organização, como em espaços abandonados, espaços recônditos na montanha.

As estrelas destas festas são os Dj's mais ou menos

conhecidos e estas são divulgadas através de engenhosos e criativos meios, que vão desde a *internet*, as mensagens de telemóvel, distribuição de “flyers”⁽⁶⁾ (Pais, 1999, pp: 267), “passa-a-palavra”, utilização de *raves* presentes para enunciar *raves* futuras, tudo numa lógica de circuito fechado. Festas que promovem a sensualidade, o último reduto colectivo que se opõe ao individual e psi⁽⁷⁾, o culto hedónico do *self*. Um *self* colectivo, uma liberdade ilimitada, uma verdadeira aldeia global partilhando uma comunidade de representações e vínculos, o ser diferente entre iguais (Pais, 1999), e a par disto a sempre necessária afirmação e integração como funções desenvolvimentais nucleares de uma adolescência por vezes retardada. A procura de uma individuação de realização pessoal, o conforto e elevação espiritual, a aquisição artificial de competências de comunicação, o vencer a fadiga, o vivenciar um “risco cultivado” (Guiddens, *in* Susana Henriques, 2002 pp: 79).

Os amigos, os companheiros, são-nos desde há muito tempo partilhando dos mesmos gostos, e ainda amigos recentes e “captados” no meio *rave*. Estes são mais companheiros que amigos, amizades causais (Pais, 1999). Aliás, o consumo destas drogas tal como na heroína implica uma aprendizagem, rituais iniciáticos e uma tecnologia dos consumos que se pretende cada vez mais aperfeiçoada, o que obrigará a uma troca de experiências mais ou menos duradouras.

Os grandes problemas nestes consumidores resultam sobretudo, não do consumo directo mas das suas consequências colaterais: Condução perigosa, comprimidos contendo substâncias prejudiciais e que o consumidor desconhece, desidratação provocada pela falta de água (é sobejamente conhecido como estratégia comercial, o corte da água nas casas de banho desses espaços), a ocorrência de festas em espaços mal ventilados e sem condições de segurança, etc. . .

Algo fundamental aqui a reter, é que, neste domínio das novas drogas e como reflexo dos tempos – que também são novos, parece que concebidos laboratorialmente, tal é a velocidade em que se processam as mudanças –, está-se perante um fenómeno em constante mudança em que a investigação tem alguma dificuldade em dar-se conta, em “tempo útil”.

5. CONCLUSÕES

Que estamos perante um estilo de vida partilhado por um aglomerado de indivíduos, quer num como em outro caso, parece ser consensual. Que todos os traços e características de ser e estar destes duas unidades de análise, são o suficiente para se poder arriscar a falar em identidade social comum, ficam algumas dúvidas. . . mas, que estes jovens contemplam “traços” de uma identidade comum é algo por certo bem mais consensual e mais, que estes contextos e vivências comuns alicerçadas sobre a música, o consumo de novas drogas e outros, vai contribuindo para a solidificação e transformação de um *self*, também parece ser aqui demonstrado. Ingere-se a droga e o *self* ingere elementos que o consubstanciam.

Os autores Fernandes e Ribeiro recorrendo a Romani, Pallarés e Díaz (2001), no artigo que vem sendo citado e que data de 2002, colocam a questão relativamente aos Junkies das *velhas drogas* da seguinte forma, de uma forma muito simples e talvez muito incómoda. Estranho será que o enfoque da dependência seja insistentemente e confortavelmente colocado na componente farmacológica, na sua quantidade, na sua pureza quando se sabe que cada vez mais estas componentes aparecem em menor grau⁽⁸⁾. Logo no consumo compulsivo e repetido, a dependência biológica, não será a principal dimensão a considerar. A dimensão psicológica e eco-social merecerão, por certo, serem bem mais enfatizadas. Perante consumidores de drogas que não provocam a chamada “dependência biológica” a questão é ainda mais pertinente.

Assim, como prospectivar a intervenção junto de uma população com estas características?

Contacto:

Marcos Paulo Taipa Sousa Ribeiro

marcos.ribeiro@iol.pt

Assistente Social

IDT – SCAT – D.R.N.

Professor Assistente Estagiário Convidado no ISSSP

NOTAS

- (1) A expressão o “primeiro” refere-se ao conceito de “modo de vida” e o “segundo” ao conceito de “estilo de vida”
- (2) É bastante vulgar a população consumidora “crónica” de heroína, bem como os habitantes de territórios psicotrópicos (Fernandes, 1988) apelidarem os apartamentos devolutos, ou locais que servem para consumo via-endovenoso de “clínicas”.
- (3) Esta personagem é o consumidor experiente e “tecnologicamente evoluído” que a troco de injectar os outros consumidores, recebe droga ou “filtros” que contém resquícios da substância.
- (4) Este conceito é eximamente demonstrado no filme “Fight Club”.
- (5) Esta designação é adiantada por Falcón e Avillés (2002), que introduz o termo “yonquis de diseño”, no artigo *Nuevas formas de uso de drogas y exclusión social: la aparición de nuevos “yonquis*.
- (6) As autoras Margarida Rebelo e Fátima Lopes descrevem-nos como “panfletos” de anúncio de festas.
- (7) Gilles Lipovetsky (1993) em a “Era do vazio”, Lisboa. Relógio de Água.
- (8) Luís Fernandes e Catarina Ribeiro continuam, referindo que os consumidores “feitos” nos anos 70 apontam o período de um ano a dois anos para a instalação da dependência, ao invés dos consumidores dos anos 80 que referem o período de 4 meses perante uma substância mais desqualificada. A síndrome de abstinência apresenta cada vez mais traços psicológicos e menos físicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P. (2003). “Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade”. *Sociologia – Problemas e práticas*, 41: 93-115.
- Agra, C. (1997). *Droga-Crime: A experiência Portuguesa – programa de estudos e resultados*. Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga. Biblioteca Nacional.
- Chaves, M. (1998). “Consumos de “Novas Drogas”: pontos de partida para a investigação sociológica (1)”. *Toxicodependências*, 4 (2): 15-23.
- Costa, F. (1999). *Sociedade de Bairro*. Oeiras. Celta Editora.
- Falcón, M. e Avillés, R. (2002). “Nuevas formas de uso de drogas y exclusion social”: La aparición de nuevos yonquis. In Rubio, María José; Monteras, Silvina (coords). *La exclusión social: Teoría e Práctica de la intervención*. Madrid. Editorial CCS.
- Fernandes, L. (1998). *O sitio das drogas*. Lisboa. Editorial notícias.
- Fernandes, L. e Ribeiro, C. (2002). “Redução de riscos, estilos de vida junkie e controlo social”. *Sociologia – Problemas e práticas*, 39: 57-68.
- Lipovetsky, G. (1993). *A Era do Vazio*. Lisboa. Relógio de Água.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, Imagens do “outro”: Estudos Sobre a insegurança urbana na cidade do Porto*. Dissertação de Doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia: Universidade do Minho.
- Pais, M. (1999). *Traços e riscos de vida*. Porto. Âmbar.
- Ribeiro, A. e Ramalho, I. (2001). *Entre ser e estar – Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto. Edições Afrontamento.
- Rodrigues, W. (1992). “Urbanidade e novos estilos de vida”. *Sociologia – Problemas e práticas*, 12: 91-107.
- Susana, H. (2002). “Risco cultivado no consumo de novas drogas”. *Sociologia, problemas e práticas*, 40: 63-85.
- Xiberras, M. (1989). *A Sociedade Intoxicada*. Lisboa. Instituto Piaget.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Boudon, R.; Besnard, P.; Cherkaoui, M; Pierre, B. (1999). *Diccionario Temático Larousse – Sociología*. Circulo de leitores.
- Bouhnik, P. (1998). “La système de vie des usagers de drogues dures”. *Toxicodependências*, 4 (3): 49-56.